

21

CAPÍTULO

INVESTIGAÇÃO DAS ABREVIATURAS EM DOCUMENTOS MANUSCRITOS CATALANOS: LEITURA, EDIÇÃO E COTEJO

Oliveira-Silva, Maiune de ^{1*}; Almeida, Mayara Aparecida Ribeiro de ²; Paula, Maria Helena de ³

¹ Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão/ UAELL

² Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão/ UAELL

³ Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão/ UAELL

* email: maiune20@gmail.com

RESUMO

É significativo o testemunho dos autores que abordam as abreviaturas em documentos manuscritos. Todos são imperiosos em ressaltar sobre as dificuldades de interpretação que elas trazem para o texto do qual fazem parte, contudo, compreendem o quão importante era esse sistema abreviativo para a prática grafológica da época. Nesse estudo, verificamos sobre a escrita desse período contrastando dois *códex* manuscritos, com vistas a entender quais eram os mecanismos de sua produção para a época. Para tanto, embasamo-nos em Megale e Toledo Neto (2005), Costa (2007), Flexor (1991), Acioli (2003), dentre outros, visto que os *corpora*

são documentos manuscritos escrito pela administração da esfera clerical catalana nos oitocentos e revelam detalhes sobre a prática católica nesse período.

Palavras-chave: Documentos oitocentistas; Processo de abreviação; Filologia portuguesa.

Revisado pela Orientadora Maria Helena de Paula, contato: mhpcat@gmail.com

Oliveira-Silva, Maiune de; Almeida, Mayara Aparecida Ribeiro de; Paula, Maria Helena de; "INVESTIGAÇÃO DAS ABREVIATURAS EM DOCUMENTOS MANUSCRITOS CATALANOS: LEITURA, EDIÇÃO E COTEJO", p. 361-380 . In: Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Regional Catalão (2. : 2014 : Goiás) **Coletânea Interdisciplinar em Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - Volume 2 : Humanidades e Letras**. Anais [livro eletrônico] / organizado por Adriana Freitas Neves, Idelvone Mendes Ferreira, Maria Helena de Paula, Petrus Henrique Ribeiro dos Anjos. São Paulo: Blucher, 2015. ISBN: 978-85-8039-111-4, DOI 10.5151/9788580391114-V2_Cap21

1. PRIMEIRAS PALAVRAS

Poucos são os estudos que têm se dedicado à investigação das abreviaturas em livros manuscritos do século XIX. Reconhecendo a importância desse sistema para a escrita da época, propomo-nos a perscrutar sobre ele, posto que os itens abreviados de um códice manuscrito, juntamente com outras características inerentes ao texto, configuram um dos maiores problemas para a decifração da sua escrita. Assim, cotejamos os dois códices eclesiásticos para discutirmos sobre semelhanças e divergências dessa técnica de abreviação.

O interesse em estudar essa temática adveio das pesquisas de Iniciação Científica, realizadas entre 2012 e 2013, nas quais estudamos as tipologias abreviadas de um dos códices que servirá como *corpus* para esta pesquisa. Antes de 2013 (e 2014), em que estudamos os processos morfofonológicos realizados pelos escribas que estavam sob a supervisão do pároco Manoel Camelo Pinto, uma vez que as abreviaturas também foram recorrentes, nos motivando a estabelecer o cotejo entre esses dois livros.

Os dois *códex* que hão de alicerçar a pesquisa, foram exarados em anos distintos e por párocos diferentes. O primeiro livro, lavrado entre Maio de 1837 a Setembro de 1838, sob a responsabilidade do vigário encomendado Francisco Xavier Matozo, é composto por cinquenta e dois fólios em *recto* e *retro*. O segundo, escrito entre Dezembro de 1839 e Março de 1842, pelos escribas supervisionados pároco Manoel Camelo Pinto, é constituído por noventa fólios e também manuscrito em *recto* e *verso*, sendo que ambos os párocos foram sacerdotes responsáveis pelos ritos de batismos ocorridos na Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus nesse curto espaço temporal que compreende as décadas finais da primeira metade do século XIX.

2. ALGUMAS PALAVRAS SOBRE ABREVIATURAS

Para este estudo, foi feito o cotejo das tipologias de abreviaturas encontradas para averiguar se elas são equivalentes. Posteriormente, procuramos identificar se houve variação no modo de grafar as abreviaturas, com vistas a justificar a ocorrência dessa variação, para, então, lançarmos mão de hipóteses que evidenciem a existência ou não de critérios utilizados no momento de abreviar os grafemas.

Vale dizer que a abreviaturas em documentos manuscritos foram utilizadas em grande escala para economizar espaço no suporte que receberia a escrita e

também o tempo do escriba, uma vez que os materiais usados para a confecção dos manuscritos eram onerosos. Faz-se mister elucidar que as abreviaturas apontam para um padrão de escrita, não necessariamente manuscrita, porque é possível identificar itens abreviados em documentos datiloscritos da mesma época, como, dicionários e gramáticas.

Por isso, acreditamos que as abreviaturas encontradas nos *corpora* em análise foram utilizadas pelos representantes oficiais do catolicismo devido à enorme quantidade de registros de batismo que ficavam sob a responsabilidade dos párocos e que às vezes chegavam a mais de um por dia.

Vários são os aspectos que dificultam a leitura desses documentos, a saber: o peso da tinta, isto é, a escrita borrada ou não devido ao carregamento da tinta na pena, a inabilidade do escriba para manuscruver os assentos, as fronteiras de palavras evidenciadas pelo movimento do pincel, dentre outros.

Desta maneira, ao realizarmos os desdobramentos destes itens abreviados através da edição semidiplomática em disposição justalinear disponível em Megale e Toledo Neto (2005), intencionamos facilitar a leitura do documento para o público que não consegue ler essas informações no original, posto que, como já exposto, as abreviações espelham uma das maiores dificuldades para a leitura de documentos de épocas remanescentes.

3. PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Os dois livros foram digitalizados pelos integrantes do projeto “Em busca da memória perdida: estudos sobre a escravidão em Goiás”, em visita à sede da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus, na Cidade de Catalão, no ano de 2011, que está vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História do Português – GEPHPOR, ambos coordenados pela Professora Doutora Maria Helena de Paula, da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística (UAELL) da Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão.

Para obter o êxito da pesquisa, após a edição dos documentos em consonância com as normas publicadas em Megale e Toledo Neto (2005), principiamos a seleção e a classificação dos itens abreviados de acordo com os postulados de Acioli (2003), Flexor (1991) e Costa (2007). Os autores retrocitados subsidiaram a compreensão das formas abreviadas, embora o cotexto das abreviaturas também propiciasse o entendimento delas.

Faz-se mister ressaltar sobre a importância de cada obra para o entendimento do assunto ora proposto. A leitura da obra de Megale e Toledo Neto (2005) foi importante por promover o conhecimento acerca

da temática abordada nos livros manuscritos, além disso, as normas publicadas por esses autores facultaram entender sobre a maneira de editar esses documentos, posto que a edição não pode ser aleatória.

A edição escolhida para os documentos manuscritos foi a semidiplomática em disposição justalinear, que consiste na reprodução destes respeitando a extensão da linha e o limite da lauda utilizada pelo escriba. No entanto, esse tipo de edição permite que o editor faça algumas intervenções para facilitar o acesso dos leitores que não conseguem compreender o que está no original, por exemplo: inserção explicativa sobre os lapsos do escriba, inserindo esta informação em nota de rodapé, o desdobramento das abreviaturas, desde que se assinalem os itens desenvolvidos – nesse caso, a marcação é feita em itálico para diferenciar da escrita que comparece no fólio, dentre outros.

É necessário também que as intervenções do editor, sejam registradas em nota de rodapé para que na ausência do *fac-símile*, ou seja, não havendo a fotocópia do original, os consulentes saibam identificar que aquela interferência não está reproduzida no documento original (MEGALE; TOLEDO NETO, 2005).

Posteriormente, passamos à leitura das obras teóricas que abordam a temática das abreviaturas. Acioli (2003) problematiza sobre as abreviaturas observando que o uso do sistema abreviativo deve-se principalmente a dois elementos já citados, isto é, economia de espaço no material que receberia a escrita, devido à escassez e o preço dispendioso da matéria-prima. Essa ainda era uma maneira de economizar o tempo do escriba, que tinha que manuscruver vários assentos por dia.

Flexor (1991) faz o desdobramento de itens abreviados tendo como *corpus* manuscritos do período colonial e imperial brasileiro. Embora os manuscritos que compõem o *corpus* deste trabalho estejam situados apenas no período imperial, essa obra facilitou o desenvolvimento dos signos abreviados cujo desdobramento desconhecíamos, além de tornar exequível a categorização das tipologias encontradas.

Com o fito de abarcar todas as tipografias abreviadas nesses documentos, o estudo de Costa (2007) também serviu-nos para que pudéssemos alcançar os objetivos pretendidos, uma vez que ela acrescenta em seu trabalho algumas tipologias não adotadas pelas autoras supracitadas.

É imprescindível trazer à baila o entendimento de Costa (2007) sobre abreviatura para então compreendermos a importância desse aspecto inerente a textos manuscritos que antecedem o surgimento da imprensa. Para a autora, a palavra abreviatura pertence ao étimo grego, cujo teor significa *braqui* (curto) e *graphein* (escrita).

Destarte, acrescenta que “o que se abrevia são sílabas, palavras ou frases de um conjunto escrito, das quais se reduz alguma ou algumas de suas letras” (COSTA, 2007, p. 16). Nesse sentido, faz-se necessário entender que o ato de abreviar uma lexia não é aleatório, haja vista que o uso incorreto pode prejudicar o entendimento de uma mensagem.

Se pensarmos na morfologia da palavra abreviação, ela corresponderia de um modo genérico à ação/ato de abreviar. Logo, a abreviatura seria o processo final da abreviação. Segundo Rocha (2008), esse método é utilizado exclusivamente na escrita, pois é inexequível o uso de abreviaturas na oralidade.

Convém esclarecer que dentro de um contexto é mais fácil entender o sentido da palavra abreviada para que haja seu desdobramento, facultando, ainda, que o editor deduza sobre a razão pela qual o escriba escolheu utilizar uma tipologia em detrimento de outra.

Contudo, o entendimento de uma palavra abreviada não é tão simples. Às vezes, uma abreviatura pode trazer diversas interpretações, ou ainda ocasionar dúvidas no momento de desenvolvê-la. Sobre essa última asserção, Megale e Toledo Neto (2005) asseveram que sempre que isso ocorrer deve-se seguir a forma desenvolvida no manuscrito. Em casos extremos, isto é, quando não há recorrência da palavra abreviada, deve-se grafá-la de acordo com a grafia utilizada no período hodierno.

A prática de abreviar foi bastante utilizada na Roma antiga para a transcrição dos discursos proferidos ao vivo, posto que, neste caso, a escrita deveria acompanhar a velocidade dos enunciados orais. Sabe-se que para a confecção das abreviaturas, baseava-se no sistema braquigráfico latino, entretanto, quando migrado para o português, adquiriu características próprias da língua portuguesa, o que tornou complexa a interpretação da escrita para os profissionais do texto (COSTA, 2007).

Bueno (1963, p. 166) pontua que na Idade Média pensava-se que “as abreviaturas [...] não obedecessem à regra alguma e estivessem dependentes tão só do arbítrio e da fantasia de cada um”. Os primeiros estudos sistematizados sobre esta temática foram estabelecidos por Chassant na obra “Paleografia Crítica”, na qual o autor classifica as abreviaturas em duas espécies: abreviatura por sinal geral, que indica redução do termo abreviado, sem necessariamente, apontar o elemento omitido, e abreviatura por sinais especiais, que indica a supressão de elementos no termo abreviado. A primeira tipologia bifurca-se em duas outras: abreviaturas por suspensão ou apócope, quando faltam os grafemas finais da lexia; por contração ou síncope, quando há a ausência dos grafemas mediais do

vocábulo. A segunda, por sua vez, configura-se pela presença de um sinal posicionado no início, meio ou fim do vocábulo, indicando ausência de elementos (BUENO, 1963).

Atualmente, pode-se dizer que as abreviaturas são utilizadas principalmente no espaço cibernético, com o objetivo de reduzir o tempo de comunicação, atingindo uma quantidade maior de amigos virtuais em um menor espaço de tempo. No entanto, sabe-se que o ocultamento de alguns caracteres nem sempre interfere decisivamente na sintaxe da oração.

O “internetês” tem sido alvo de críticas por provocar transgressões na língua portuguesa, porquanto leva-se em consideração a pronúncia e eliminam-se os acentos que marcam a tonicidade das palavras. Sobre essa assertiva, Higounet (2003, p. 170) assevera que as abreviaturas utilizadas no espaço virtual ou no real “encontram suas razões, como outrora, no ganho de tempo e em uma certa economia, não de papel ou de espaço, mas derivada dos hábitos de preguiça mental”.

A isso o autor acrescenta que: “o uso de abreviações na escrita corrente, seja em notas pessoais, seja na correspondência, não corresponde mais a regras gerais. Uma pesquisa mostraria logo que a suspensão e a contração são os dois modos mais frequentemente utilizados” (HIGOUNET, 2003, p. 170). Não discordamos dos postulados teóricos do autor supracitado, vez que as abreviaturas por contração ou síncope foram os casos mais recorrentes em um dos códices.

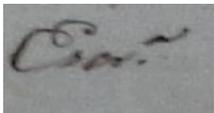
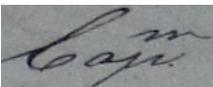
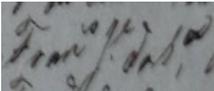
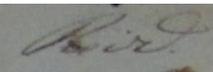
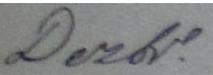
Contrastando essas informações, subdividimos e classificamos as abreviaturas de acordo com as tipologias postuladas em Costa (2007), Flexor (1991) e Acioli (2003). As abreviaturas encontradas nos dois documentos não variaram quanto às tipologias. Em geral, foram encontradas abreviaturas por: contração ou síncope, suspensão ou apócope, abreviaturas compostas e acrônimos, abreviaturas mistas, abreviaturas numéricas e abreviaturas simples, que serão agrupadas em colunas para melhor visualização dos dados.

As duas primeiras colunas correspondem à imagem e ao desdobramento das abreviaturas localizadas no códice de 1837-1838 (doravante Ms.1) e as duas últimas configuram as abreviaturas extraídas e desdobradas do códice de 1839-1842 (doravante Ms.2). Vejam-se:

3.1 ABREVIATURA POR CONTRAÇÃO OU SÍNCOPE

Esse tipo de abreviatura consiste na supressão dos grafemas mediais do vocábulo. Pode ocorrer de ela vir sobrescrita para economizar espaço no suporte da escrita, ou ainda, manter os grafemas intermediários denominados “característicos” para facilitar a leitura e a interpretação. No Ms.1 essa tipologia foi a que mais se reiterou, totalizando 3.373 recorrências de itens abreviados. No outro *códex*, foram 266 lexias abreviadas.

Quadro 1- Abreviaturas por contração ou síncope nos Manuscritos (1837-1838; 1839-1842).

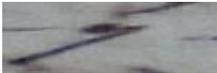
ABREVIATURAS MS.1	DESDOBRAMENTO	ABREVIATURAS MS.2	DESDOBRAMENTO
	Escrava		Capitam
	Villa		Oliveira
	Francisco Jose daSilva		Rodriguez
	Lavrador		Dezembro

Fonte: Acervo digital do LALEFIL.

3.2 ABREVIATURAS POR SUSPENSÃO OU APÓCOPE:

Configuram-se no cancelamento dos grafemas finais de um vocábulo, fazendo com que haja o desaparecimento de quase toda a lexia. Esse sistema abreviativo é uma ramificação das siglas, daí a redução do enunciado a poucas letras. No Ms.1 encontramos 242 (duzentos e quarenta e duas) ocorrências; no segundo, obtivemos apenas 3 (três) casos característicos.

Quadro 2- Abreviaturas por suspensão ou apócope nos Manuscritos (1837-1838; 1839-1842).

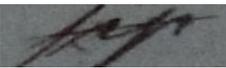
ABREVIATURAS MS.1	DESDOBRAMENTO	ABREVIATURAS MS.2	DESDOBRAMENTO
	Que		Artigo
	de que		Número 12
	Em que		que

Fonte: Acervo digital do LALEFIL.

3.3 ABREVIATURAS COMPOSTAS E ACRÔNIMOS

Tais abreviaturas são estruturadas pelos grafemas que são mais importantes dentro do vocábulo. A abreviatura composta diverge do acrônimo pelo fato de a primeira possuir a enunciação silabada, enquanto a última é proferida letra por letra. Consoante Megale e Toledo Neto (2005, p. 120), atualmente, “as siglas admitem pronúncia da seqüência das letras, vindo a constituir palavra do léxico corrente, ou a pronúncia silábica ou alfabética, o que provavelmente não ocorria no século XVII”. No primeiro códice, obtivemos 358 (trezentos e cinquenta e oito) repetições, enquanto no segundo documento logramos uma quantidade menor, apenas 03 (três) ocorrências.

Quadro 3- acrônimos nos Manuscritos (1837-1838; 1839-1842).

ABREVIATURAS MS.1	DESDOBRAMENTO	ABREVIATURAS MS.2	DESDOBRAMENTO
	Proximpassado		Loão Maria Iose
	Branco Livre		proximpassado

ABREVIATURAS MS.1	DESDOBRAMENTO	ABREVIATURAS MS.2	DESDOBRAMENTO
	Negra Batizado		Nossa Senhora
	Pardo Livre		

Fonte: Acervo digital do LALEFIL.

3.4 ABREVIATURA SIMPLES

Ocorre quando uma lexia é representada pela letra maiúscula e interrompida por ponto. É válido trazer à baila as palavras de Spina (1977, p. 45) para quem esse foi “o processo mais antigo de abreviação por suspensão ou por apócope, e seu uso se manteve durante toda a idade média”. Por conseguinte, essa tipologia é uma ramificação da abreviatura por sigla. Encontrou-se no primeiro códice a reprise de 99 lexias; já no segundo, contabilizamos 53 recorrências. São exemplos de abreviatura simples:

Quadro 4- Abreviaturas simples nos Manuscritos (1837-1838; 1839-1842).

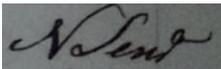
ABREVIATURAS MS.1	DESDOBRAMENTO	ABREVIATURAS MS.2	DESDOBRAMENTO
	Souza		Dona
	Dona		Nossa Senhora
	São		São Domingos

Fonte: Acervo digital do LALEFIL.

3.5 ABREVIATURA MISTA

Essa tipologia é um amálgama de duas outras: a abreviatura por contração (síncope) e a abreviatura por suspensão (apócope). Geralmente, o primeiro item é interrompido por ponto, sem qualquer recurso para indicar os itens suprimidos, e do segundo retiram-se os grafemas mediais do vocábulo. Convém esclarecer que esses itens não são abreviados aleatoriamente, pois a remoção indevida de algum grafema pode comprometer o entendimento da lexia abreviada. Essa tipologia foi o tipo menos produtivo de abreviaturas, pois encontramos apenas quatro casos nos dois códices analisados:

Quadro 5- Abreviaturas simples nos Manuscritos (1837-1838; 1839-1842).

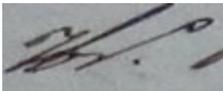
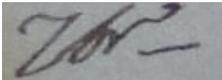
ABREVIATURAS MS.1	DESDOBRAMENTO	ABREVIATURAS MS.2	DESDOBRAMENTO
	Nossa Senhora		Sua Mulher
	São Domingos		Nossa Senhora

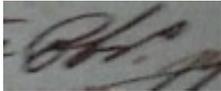
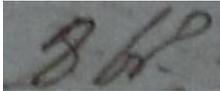
Fonte: Acervo digital do LALEFIL.

3.6 ABREVIATURA NUMÉRICA

Representada por alguns algarismos arábicos sobrescritos pelas terminações *-bro* designando os últimos quatro meses do ano, ou as vogais *a* ou *o* minúsculas referindo-se a números ordinais. Ressaltamos que, nos códices analisados, não houve ocorrência de abreviaturas referindo a números ordinais, conforme pode ser observado:

Quadro 6- Abreviaturas numéricas nos Manuscritos (1837-1838; 1839-1842).

ABREVIATURAS MS.1	DESDOBRAMENTO	ABREVIATURAS MS.2	DESDOBRAMENTO
	Setembro		Setembro

ABREVIATURAS MS.1	DESDOBRAMENTO	ABREVIATURAS MS.2	DESDOBRAMENTO
	Outubro		Outubro
	Novembro		Novembro

Fonte: Acervo digital do LALEFIL.

Costa (2007) atesta que, embora não haja uma sistematização nos documentos manuscritos, as abreviaturas podem ser classificadas quanto ao sinal abreviativo em abreviaturas por sinal geral e abreviaturas por sinal especial. O primeiro ocorre quando há pontos finais (.), aóstrofos ('), linhas sobrepostas à lexia (-) ou traço envolvente, representados pelos sinais diacríticos latinos macro \Leftarrow , bráquia \diamond ou ainda pelo diacrítico (~), indicando supressão de vocábulos, mas sem indicar quais. O segundo é representado por um sinal, geralmente ponto final (.), posicionado no início, meio ou fim da palavra abreviada, indicando que naquela lexia alguns grafemas estão ausentes.

Transportando esta teoria para o *corpus* em análise, as abreviaturas encontradas são referentes ao sinal geral, pois a maioria está acompanhada de um sinal sobreposto ao grafema, indicando supressão de grafemas, como por exemplo, a abreviatura “que”, na qual a primeira letra está acompanhada pelo sinal diacrítico til (~), sem dar indícios dos outros itens suprimidos.

Percebe-se, então, que não houve muita variação quanto ao modo de abreviar. Os dois escribas mantiveram o mesmo sistema para abreviar vocábulos semelhantes, no entanto, o escriba do Ms. 2, em alguns casos, teve mais tendência em conservar os grafemas intermediários do vocábulo.

Insta esclarecer que não foram identificadas as abreviaturas por notações tironianas ou taquigráficas, entretanto, é preciso mencioná-las aqui. Os escribas auferiram proveito desse tipo de abreviatura nos manuscritos carolíngios na época medieval. Contudo, não existe um consenso quanto à sua autoria, vez que alguns estudiosos defendem terem sido estas criadas pelos hebreus ou ainda pelos gregos. De acordo com a literatura consultada, atribuiu-se a Marco Túlio Tiro, forro de Cícero, a sua propagação; ao poeta Ênio coube à descoberta desse sistema abreviativo, e ao filósofo *Lucius Annaeus Seneca*, a compilação dessa tipologia (HIGOUNET, 2003).

Também não constaram nos livros manuscritos abreviaturas reduplicadas, que são uma ramificação das abreviaturas por sigla. Nessa tipologia, há a duplicação do grafema inicial do vocábulo para indicar plural.

Palmilhando no contexto do estado de conservação dos códices, percebe-se que eles se encontram em um bom estado de conservação. Ao que tudo indica, foram encadernados recentemente e seus fólhos, apesar de amarelecidos pelo tempo, afiguram sem corrosões por traças ou papirófagos, facilitando a leitura e a edição.

Embora não haja diversificação nos tipos abreviados, é perceptível que o escriba do códice exarado entre Maio de 1837 e Setembro de 1838 tivesse mais tendência à escrita abreviada. Constata-se isso na quantificação dos dados – 4.162 (quatro mil cento e sessenta e duas) abreviaturas do Ms.1e apenas 375 (trezentos e setenta e cinco) abreviaturas do Ms.2. Para uma melhor exemplificação, vejam-se os excertos extraídos dos códices:

||1r.|| <DioniziolPardol Livre>Ao primeiro de Maio de Mil oito centos etrinta e sete, nes-lte Destrito do Rio verde Termo da Villa do Catalaõ, ondel eu audiante nomeado me achava, compareceo Pedrol Francisco de Paula, com hum menino nascido a 30 del *Fevereiro*, *proximopassado* pelas 3 horas da madrugada, e que he filho natural de Anna da Peidade, parda moradora no dito Destritol em o lugar denominado Capella de *Santo Antonio*, e foi ba-l tizado no mesmo dia supra dito, Solemnellemente, eforaõ Padrinhosl Pedro Francisco de Paula, e Manoel Joaquim da Silva. eparacons-l tarfis este assento em que me assignol [espaço] Ovigário Encomendadol [espaço] Francisco Xavier Matozo [Francisco Xavier Matozo]. (Livro de batismo exarado entre Maio de 1837 a Setembro de 1838, fólho 1 recto)

||6v.|| <Adaõl Escravo> Aos vinte e ceis dias do mes de Janeiro de mil oito centos équa-l renta annos nesta Matriz de Nossa Senhor[a] Mai® de Deos dol Catalaõ Bispado de Goias Batizei Solemnellemente e puls os Santos Olios ao innocente, Adaõ que naseo aos dezacete dol mesmo mes as sete horas damanhã, filho legitimo de Ieronimol Angola e ZefirinaCrioula escravos de Ignacio Gonçalvesl da Silva, moradores no emgenho de serrá, eveve do mesmo inge-lnho: foraõ Padrinhos Iosé Alves Ramos, e Francisca Maxi-lminiana de Barros, pardos de que para constar fis este assento.l [espaço] OParocho Manoel Camelo Pinto. – (Livro de batismo exarado entre Dezembro de 1839 a Março de 1842, fólho 6 verso)

Ainda que o primeiro escriba seja mais inclinado à síntese, é perceptível, ao confrontar a escrita dos códices, que elas possuem a estrutura semelhante. Informações como o nome do batizando, nome da mãe - uma vez que o pai nem sempre reconhecia a paternidade da criança, profissão dos pais, nomes dos padrinhos e o local do batismo são recorrentes nos dois códices. Por isso, dizemos que eles possuem a estrutura formulaica, conquanto eles tenham sido exarados sob a responsabilidade de párocos diferentes e em anos distintos.

Quanto às suas funções, percebe-se que o Vigário Francisco Xavier Matozo não realizava os batistérios apenas na Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus. Pelas informações contidas no registro, é possível imaginar que ele saísse em desobriga, isto é, em determinadas épocas do ano, o pároco se deslocava até as fazendas e regiões circunvizinhas para consumir batismos e outros sacramentos que estavam em atraso, comportamento talvez justificado pelo distanciamento do representante oficial do catolicismo em relação àquelas comunidades.

Palacín e Morais (1994) asseveram que Catalão foi um município que se desenvolveu baseado na tradição agropecuária; a cidade apenas era aproveitável para o exercício de atividades prazerosas. Nessas atividades, também se incluíam as práticas católicas, vez que estas eram vistas como uma obrigação moral e um dever inelutável.

A tradição da desobriga, ao que tudo indica, não foi mantida pelo pároco Manoel Camelo Pinto, posto que quase todos os batismos foram consumados dentro da Paróquia supracitada, com exceção de um registro que fora lançado, posteriormente, na ata batismal.

A escrita dos dois códices se manteve cursiva do início ao fim. O *ductus* ou traçado dos escribas é de fácil leitura e entendimento, certamente por eles pertencerem à cultura erudita, ou seja, por possuírem um alto grau de conhecimento sobre determinados assuntos da esfera eclesiástica.

Vale aqui destacar algumas semelhanças notórias na escrita desses escribas. Os escribas do Ms.2 possuem traçados divergentes. O primeiro caracteriza-se por possuir o traçado mais fino com as hastes ascendentes ornamentadas. Já o outro escriba possui o *ductus* mais forte e mais anguloso com hastes menos delineadas que o escriba anterior. Vejam-se:

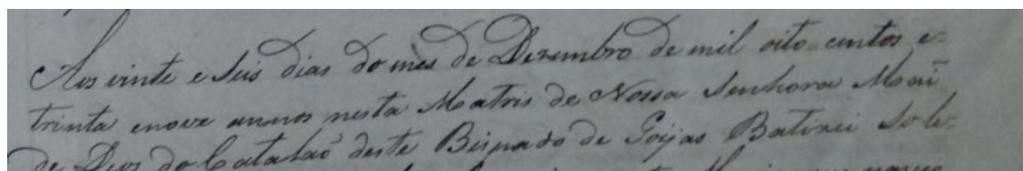


Figura 1 - Edição *fac-símile* do Ms. 2, fólio ||1r.|| – escrevente 1. Acervo digital do LALEFIL.

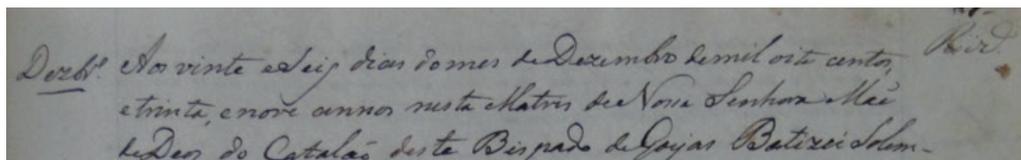


Figura 2 - Edição *fac-símile* do Ms. 2, fólio ||1r.|| – escrevente 2. Acervo digital do LALEFIL.

Quanto ao escriba do Ms.1, não conseguimos aventar indícios sobre uma possível poligrafia. Todavia, o *ductus* do amanuense é inclinado à direita e as letras são destituídas de hastes ornamentadas. Vide exemplo abaixo.

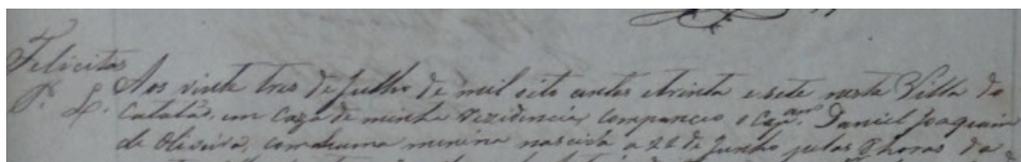


Figura 3 -Edição *Fac-símile* do Ms. 1, fólio ||4r.|| - escrita provavelmente monográfica. Acervo digital do LALEFIL.

Embora não haja linhas para demarcar o espaço no qual as letras deveriam ser grafadas, é perceptível que os escribas mantiveram a linearidade ao traçar os grafemas, e a dimensão das letras se manteve regular. Quase não há borrões, o que configura habilidade e conhecimento caligráfico por parte dos escribas.

No Ms.1, as inscrições laterais sempre vêm acompanhadas das siglas B.L e P.L que dizem respeito às etnias dos batizados. Essas siglas foram desenvolvidas como *Branco Livre* e *Pardo Livre*, respectivamente. Quando o batizando era um descendente de escravo, nas glosas constava “escravo”, quase sempre abreviado. Tais informações não são reproduzidas pelos escribas do Ms.2, haja vista que nas glosas à esquerda apenas é apresentado o nome do batizando, sem fazer referência a sua origem étnica.

Por serem documentos provavelmente escritos por terceiros, não é possível afirmar com propriedade se eles são apógrafos isto é, quando a escrita do documento é supervisionada pelo seu autor intelectual; ou se eles não foram inspecionados por seu idealizador, sendo, por conseguinte denominado de idiógrafo. Contudo, supomos que a escrita foi supervisionada pelo pároco responsável, vez que são registros eclesiásticos eivados de informações essenciais sobre o primeiro sacramento recebido pelos cristãos do catolicismo.

Embora não seja o escopo do presente estudo abordar as características paleográficas dos documentos, elas se fazem necessárias para uma melhor compreensão dessa temática. Concordamos com Spina (1977, p. 44) ao dissertar que “a chave da interpretação paleográfica dos documentos medievais reside, porém no conhecimento das abreviaturas”.

Cabem aqui as palavras de Vasconcelos (1946, p. 122), para quem “o filólogo deve sempre historiar e, comparando, retroceder até chegar às origens, aos elementos primários”. Assim, reconhecemos a importância de cotejar e estudar com tenacidade os itens abreviados.

Com essa definição, a autora se aproxima de ambas as finalidades da paleografia: a finalidade pragmática – que capacita o leitor a avaliar a autenticidade do documento, tendo por base o conjunto de signos habilitando-o a interpretar o sistema de escrita da época; e a finalidade teórica – que se preocupa em depreender a constituição sócio-histórica do sistema de escrita (CAMBRAIA, 2005).

Segundo Higounet (2003, p. 21-22), para compreender os aspectos inerentes à escrita é preciso levar em consideração as características internas do texto, a saber: as formas, o ângulo de escrita, o *ducto*, o módulo e o peso. Para esse autor:

O aspecto exterior das letras são as formas. Em uma mesma escrita, a mesma letra pode tomar ou pode ter formas diferentes. O ângulo de escrita é a posição em que estava posto o instrumento do escriba em relação à direção da linha. Ele pode ser agudo ou, ao contrário, quase reto, e a densidade dos traços variar até a quase inversão. O ducto é a ordem em que os traços foram executados e o sentido em que cada um deles foi feito. Deve-se estabelecer como regra geral que esta ordem permanece imutável, mesmo que um traço venha a desaparecer, visto que o movimento da mão é sempre semelhante a si mesmo. O módulo indica as dimensões das formas, largura e altura, ordem de grandeza por vezes simplesmente relativa. O peso depende do instrumento. Um instrumento leve faz o forte e o fraco se contrastarem, resultando numa escrita que se pode chamar pesada; um instrumento duro não marca nenhuma diferença entre os cheios e os soltos e tem como resultado uma escrita suave (HIGOUNET, 2003, p. 21-22).

Ainda no encalço desse autor, por ser a paleografia a ciência que se ocupa da escrita antiga em materiais brandos, entende-se que a escultura dos caracteres da escrita depende do material empregado para sua confecção (pergaminho ou papel) e dos instrumentos utilizados para a prática grafológica (giz, carvão, tintas das mais variadas espécies etc.). Ademais, para compreender esses aspectos inerentes ao texto é necessário atentar-se para os hábitos do escriba e para a *psique* dos povos.

Assim, apreendemos que abordar os traços gráficos dos escribas a partir dos conhecimentos da paleografia se faz necessário para uma melhor compreensão do modo de abreviar utilizado na época, uma vez que o desenvolvimento das abreviaturas se faz mediante o conhecimento das características paleográficas.

Destarte, coligindo os dados extraídos do códice, percebemos que as abreviaturas serviram como um mecanismo para a facilitação da escrita, o que nos evocou o conceito da “lei do menor esforço”, postulado por Saussure (2006). O mestre genebrino discutia sobre essa asserção tendo como ponto de partida a fala. Para esse autor “[...] não se pode determinar, para cada língua, o que seja mais fácil ou mais difícil de se pronunciar. [...] o *abreviamento corresponde a um menor esforço no sentido da duração*” (2006, p. 173, grifos nossos). Nesse sentido, a “lei do menor esforço” considera a tentativa de diminuir o esforço despendido na realização dos atos.

Aplicando ao *corpus*, esse mecanismo foi utilizado na escrita com a tentativa de economizar o material de escrita e o tempo despendido na realização dessa tarefa. Já nos documentos datiloscritos, é possível aventar que as abreviaturas foram utilizadas por analogia à forma manuscrita, todavia, o foco principal não era a contenção de papel e tinta.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se aqui versar sobre o processo de abreviação realizado em dois livros manuscritos eclesiásticos, tendo como ponto de partida a importância desse processo para a época. Analisaram-se, então, as convergências e as divergências dessa prática nos dois livros manuscritos eclesiásticos oitocentistas, com o ensejo de compreender quais eram os mecanismos de produção escrita desses escribas.

Verificou-se que embora exarados em épocas distintas, os escreventes conheciam bem o processo de abreviação da época, pois os itens lexicais e gramaticais não foram abreviados aleatoriamente, o que nos facultou o entendimento deles. Ademais, quase não houve diversificação no modo de abreviar e, conseqüentemente, as tipologias se mantiveram intactas.

As abreviaturas não eram utilizadas apenas nos livros manuscritos, uma vez que em consulta a dicionários e gramáticas coetâneos ao documento, como os dicionários consultados no sítio da Brasileira USP, percebemos uma grande quantidade de itens abreviados. Agrega-se a isso, o fato de não haver uma norma homologada para a prática grafológica da época, ante isso, os escribas utilizavam-se de um acordo tácito para que a escrita tornasse compreensível nas

diversas esferas que era utilizada (FACHIN, 2011).

Diante do exposto, concluímos que as abreviaturas em documentos manuscritos foram utilizadas, principalmente, com o fito de economizar papel e tinta que para a época eram materiais dispendiosos. Reconhecendo a necessidade dos escribas da época em abreviar, concluímos que essa temática se faz relevante para estudiosos da área, vez que a leitura fidedigna de documentos manuscritos se faz mediante a um conjunto de habilidades, dentre estes estão o domínio dos itens abreviados.

Title: Study Of Abbreviations In Handwritten Documents Of Town Of Catalão: Reading, Edition And Comparison

Abstract

The attestation of authors who discuss abbreviations in handwritten documents is significant. All of them are categorical when emphasizing the difficulties of interpretation that the abbreviations bring to a text; however, they understand how important this abbreviation system was for graphological practice at the time. In this study, we examine the writing of this period, contrasting two handwritten codices, in order to understand what were the mechanisms of its production at that time. For this, we based our study in Megale and Toledo Neto (2005), Costa (2007) Flexor (1991), Acioli (2003), among others; because the *corpora* are handwritten documents written by the administration of clerical sphere of town of Catalão in the 19th Century and they show details on the Catholic practice during this period.

Keywords: Documents of 19th Century; Abbreviation process; Portuguese Philology.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de manuscritos**. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2003.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Estudos de Filologia Portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1963.
- CAMBRAIA, César Nardeli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COSTA, Renata Ferreira. **Edição semidiplomática de memória histórica da Capitania de São Paulo, Códice E11571 do arquivo do Estado de São Paulo**. 2007. 558 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- FACHIN, Phablo Roberto Marchis. **Práticas de escrita setecentista em manuscritos da administração colonial em circulação pública no Brasil**. 2011. 430f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua portuguesa). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX**. 2. ed. aum. São Paulo: EDUNESP/Arquivo do Estado, 1991.
- HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. Tradução da 10. ed. corrigida Marcos Marcionilo. 10. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida (org.). **Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVIII (Coleção Diachronica)**. Cotia-SP: Ateliê, 2005.
- PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás (1722-1972)**. Goiânia: Editora da UCG, 1994.
- PARÓQUIA NOSSA SENHORA MÃE DE DEUS, com rubrica do Presidente da Câmara Paroquial Francisco Domingues Silveira de Souza. **Livro de Assentos de Registros de Baptizados da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus**. 52 fólhos. Villa do Catalão, 1º de Setembro de 1837.
- PARÓQUIA NOSSA SENHORA MÃE DE DEUS, com rubrica do Presidente da Câmara Paroquial Mariano José Pereira. **Livro de Assentos de Registros de Baptizados da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus (1839-1842)**. 90 fólhos. Villa do Catalão, 26 de Dezembro de 1839 (Visto em Visita Pastoral de 17 de novembro de 1862).
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas Morfológicas do Português**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. **Lições de Filologia portuguesa**. Lisboa: Edição da Revista de Portugal, 1946.